

DO CAMPO À CIDADE

GREVE DOS CAMINHONEIROS GEROU PREJUÍZOS MILIONÁRIOS A TODOS OS ELOS DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO. AGORA, SETOR PREZA PELA UNIÃO PARA RECUPERAR A PRODUTIVIDADE DENTRO E FORA DA PORTEIRA

JÉSSICA NASCIMENTO, DA REDAÇÃO

joao@ciasullieditores.com.br

Ao reivindicar mudanças, a classe dos caminhoneiros interrompeu suas atividades em todo o Brasil no final de maio, bloqueando as estradas por 11 dias até que seus pedidos fossem atendidos. Período suficiente para causar prejuízos milionários em diferentes setores da economia, além do desabastecimento do País. O agronegócio, um dos segmentos de-

pendentes dessa logística para o transporte de produtos, foi uma das atividades mais prejudicadas com o movimento. A ação gerou impactos de curto, médio e longo prazo para toda a cadeia produtiva em vários níveis, desde o campo até a indústria.

Na produção de proteína animal, os principais impactos foram decorrentes do atraso na distribuição de insumos às indústrias e fazendas, o que, conseqüentemente, retardou o abate e processamento dos animais e a entrega do produto final aos pontos de venda. Todos esses fatores pioraram ainda mais a situação das cadeias produtivas. Isso porque o setor já estava passando por crises e dificuldades devido a problemas políticos e econômicos viven-

ciados nos últimos dois anos, causados pelas operações Carne Fraca e Trapaça e a delação da JBS, complementadas agora com a greve dos caminhoneiros, isso sem contar os embargos de exportações e o alto custo produtivo registrados nos últimos meses.

Entre os segmentos mais afetados, estão a avicultura de corte, a suinocultura e a bovinocultura de leite, conforme análises do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Universidade de São Paulo (Cepea/USP). Isso porque os três setores possuem um ciclo mais curto, desenvolvido e tecnológico, que demandam maior intensidade no uso dos insumos. Nesses setores, a falta de matéria-prima reduziu consideravelmente a produtividade dos animais, diminuindo ►





SEGUNDO **ELCIO INHE**, MOVIMENTO SERVIRÁ PARA DAR REAL DIMENSÃO DA DEPENDÊNCIA DO AGRONEGÓCIO DIANTE DO DESAFIO DA LOGÍSTICA

a produção no período. Em alguns casos, a escassez de alimentos provocou até a mortalidade de plantéis produtivos.

“O problema da avicultura e suinocultura é o ciclo de produção e sua dinâmica que deve ser rigorosamente respeitada.

É muito mais rápido”, afirma o vice-presidente executivo do Sindirações, Ariovaldo Zani, ao destacar que a rentabilidade dos segmentos já estava baixa e só piorou com o movimento dos caminhoneiros. De acordo com o executivo, durante a semana de paralisação o setor de nutrição animal deixou de faturar cerca de R\$ 1,2 bilhão, o que representa 2% do total gerado pelo segmento em 2017, equivalente a R\$ 60 bilhões.

Já os impactos na área de saúde animal, conforme informações do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal (Sindan), foram causados pelos atrasos na entrega de produtos veterinários, principalmente vacinas, que exigem transporte refrigerado. Apesar da vacinação contra a Febre Aftosa já ter sido entregue para mais de 80% dos produtores antes da paralisação, a entidade prorrogou a campanha em alguns Estados do Norte e Nordeste. “É muito difícil calcular o impacto para o setor isoladamente, pois somos parte da cadeia produtiva de proteína animal. Só podemos prever dias difíceis até a recuperação total do setor”, declara o presidente da entidade, Elcio Inhe.

Isso porque a cada minuto que passa



A GREVE TEVE SEUS MOTIVOS LEGÍTIMOS, MAS OS PREJUÍZOS AO AGRONEGÓCIO SERÃO DIVIDIDOS ENTRE TODOS OS ELOS. E O CONSUMIDOR TAMBÉM PAGARÁ ESSA CONTA”

NATÁLIA GRIGOL
PESQUISADORA DO CEPEA

esse passivo aumenta na conta da cadeia produtiva, principalmente da indústria, reforça Zani. O amanhã está tomado por um horizonte de pessimismo e incertezas. “O futuro reserva muita insegurança. Existe uma série de outros fatores que prejudicam o nosso setor”, frisa. Segundo o médico veterinário, a prioridade agora deve ser a busca por alternativas ao tabelamento do frete, uma das medidas tomadas pelo governo para suspender a greve, já que a mudança causou impactos ainda maiores ao setor produtivo devido ao alto reajuste, superior ao que era praticado anteriormente. “O produtor passou a pagar muito

mais para transportar seus produtos. Isso está inviabilizando os negócios”, afirma. Conforme os cálculos do executivo, o custo no transporte para as fábricas de rações sofreu um adicional de aproximadamente 40% e em casos específicos até dobrou.

De acordo com a pesquisadora do Cepea Natália Grigol, o setor de grãos já está tendo problemas com o aumento excessivo do preço do frete, o que vem travando a logística brasileira. “Todas as proteínas animais que dependem do transporte de grãos e insumos terão problemas. O aumento desse custo elevará os preços de todo o setor produtivo”, frisa. Para o pesquisador do Cepea Thiago Bernardino de Carvalho, a tomada de decisão foi necessária para acabar com o problema de desabastecimento do País, porém, nem todos os elos foram considerados, o que favoreceu uma classe e prejudicou as demais.

E para solucionar essa equação levará tempo. É o que lamenta Zani, ao destacar a antiguidade do problema, que, segundo ele, piorou devido à negligência dos vários governos. “O melhor a fazer nesse momento é praticar o diálogo, reunindo todos os envolvidos para encontrar uma solução. Isso não será fácil. O momento, agora, deve ser de consenso e união. O posicionamento radical irá piorar a situação”, acredita. Conforme o vice-presidente executivo do Sindirações, para a correção do rumo Brasil serão necessários de três a quatro mandatos do Executivo/Legislativo e, no mínimo, uma geração de brasileiros para que o País retome o patamar de crescimento ▶

necessário. “E para isso é preciso muita produtividade, implementando inovação, tecnologia e capacitação”, resume.

ALTA NOS PREÇOS. As consequências da restrição de oferta e do aumento dos custos produtivos também afetarão o bolso dos consumidores, que terão que pagar mais caro pelos produtos no curto e médio prazo. “A greve teve seus motivos legítimos, mas os prejuízos ao agronegócio serão divididos entre todos os elos. E o consumidor também pagará essa conta”, acrescenta Natália. E essa alta nos preços pôde ser observada desde as semanas da paralisação, afirma a pesquisadora do Cepea.

Ao considerar o preço do leite, seu ramo no grupo de pesquisa, a cientista de alimentos destacou um aumento significativo no valor do leite UHT (longa vida) praticado pelas indústrias, passando de R\$ 2,43 em 29 de maio para a média de R\$ 3,21 em 19 de junho, o que representa um acréscimo de 35% em 15 dias úteis. “Os preços explodiram. O consumidor está pagando mais para normalizar a situação”, ressalta. No caso do leite, as perspectivas são de alta nos preços do produto captado, aponta Natália, acrescentando que a partir de agosto, normalmente, os preços começam a se estabilizar. “Porém, tudo irá depender da condição climática e da situação econômica do País”, ressalta.

Portanto, nesse período, Bernardino recomenda dar continuidade aos negócios reduzindo as perdas. E para isso é preciso investir em gestão e planejamento no longo prazo. “Só assim podemos saber o que se está produzindo. Devemos sempre ter em mente onde queremos chegar, principalmente durante as tomadas de decisões”, menciona. Até porque, conforme destaca Zani, será necessário cerca de um semestre para reestabelecer a dinâmica da cadeia produtiva de proteína animal. “Abusando do otimismo, a recuperação de fato só se dará no próximo ano”, acredita.

UNIÃO DO SETOR. Apesar de todos os esforços para retomar a produção e coloca-la nos trilhos do sucesso, o agronegócio brasileiro segue firme e forte para cumprir sua missão de alimentar o mundo no futuro. E para realizar esse objetivo com maestria, é preciso haver uma maior coordenação dos elos que integram a cadeia, conforme aponta Natália. Portanto, a união do setor é uma alternativa

SOMENTE
COM A
PARALISAÇÃO,
O SETOR DE
NUTRIÇÃO
ANIMAL DEIXOU
DE FATURAR
CERCA DE
R\$ 1,2 BILHÃO,
DESTACA
**ARIOVALDO
ZANI**



para reunir forças e superar os gargalos da atividade, além de contribuir com a qualidade do produto final. “Somos interdependentes. Todos precisam trabalhar juntos. Precisamos fortalecer o sistema agroindustrial, pois assim seremos capazes de resistir a esses momentos de crise, reduzindo os prejuízos”, acredita.

E para isso, Bernardino reforça a necessidade de promover ainda mais o agronegócio brasileiro com objetivo de reconquistar a imagem arranhada com as crises do setor. “Precisamos mostrar que o agro verde e amarelo tem importância e qualidade. Não podemos deixar que os momentos de dificuldades generalizem todos os bons empresários e produtores”, alerta. Segundo o pesquisador do Cepea, se torna fundamental valorizar o setor como um todo, de modo que o desejo por integração e coordenação ocorra em todos os elos, desde o campo até entidades do governo.

REFLEXÃO. Assim como na vida, tudo pode ter um lado positivo, basta querer enxergar. Dessa forma, as consequências da greve dos caminhoneiros trazem uma reflexão para o setor, pois, apesar do Brasil ser um país continental, às vezes nos esquecemos de pensar estrategicamente na logística de transporte dos produtos do agronegócio, alerta o presidente do Sindiraç. “Esse movimento servirá, entre outras coisas, para nos dar a real dimensão da dependência da atividade diante do desafio da logística em nosso País”, afirma Elcio Inhe.

Além disso, é preciso tirar lições dos momentos de dificuldade. E a que fica

depois de todo esse ocorrido é que precisamos parar de pensar individualmente para começar a focar no todo. “É fundamental exercitar mais a ideia de cadeia global. A sincronia entre os elos garantirá o futuro da atividade. Assim, temos que nos entender melhor, pois juntos podemos ir mais longe”, finaliza Zani. ■

NESSE MOMENTO,
BERNARDINO
REFORÇA
A NECESSIDADE
DE PROMOÇÃO
DA IMAGEM DO
AGRONEGÓCIO
BRASILEIRO

